

Rastros, retornos e reverberações: Revista *Diálogo com a Economia Criativa*, Dossiê “Memória Gráfica”

*Traces, returns, and reverberations: Diálogos com a
Economia Criativa Journal, “Graphic Memory” Dossier*

Mirella De Menezes Migliariⁱ , Helena de Barrosⁱⁱ , Letícia Pedruzzi Fonsecaⁱⁱⁱ 

Esta edição da revista *Diálogo com a Economia Criativa* volta-se para a memória gráfica como campo de pensamento e investigação situado na cultura visual e na materialidade impressa. O dossiê reúne pesquisas que examinam imagens, gestos e vestígios gráficos como formas encarnadas de pensamento. O gráfico é abordado aqui como linguagem, atravessada por contextos, afetos e temporalidades, operando em sua presença sensível e em potência evocativa.

A cultura material oferece os meios e os modos pelos quais as marcas se inscrevem no tempo. Papéis, tintas, tecidos, suportes, sejam eles efêmeros, sejam eles duráveis, preservam intenções, ideias e repertórios. Cada forma visível inscreve o invisível — ritmos, intensidades, histórias. Ao se debruçar sobre elas, o pesquisador escuta o que ali se imprime — um saber que se apresenta pelo detalhe, que transborda em discurso. Os artefatos são instâncias gráficas que propõem relações entre tempo, corpo, linguagem e socialização. Em cada artigo, o gráfico é mobilizado como dispositivo de escuta.

Os textos convocam abordagens variadas: etnográficas, historiográficas, antropológicas, formais e sensíveis. Seus autores se aproximam dos materiais com rigor e flexibilidade, afinando o olhar para o que persiste, se insinua e pulsa. A leitura é um gesto de coabitação: convivemos com imagens até que elas falem. Há, nesse convívio, uma partilha silenciosa entre o tempo do artefato e o de quem o escuta.

Assim, o dossiê delinea uma paisagem de estudos que reconhece no gráfico uma força ativa. As imagens e práticas investigadas não cessam ao serem evocadas. Mantêm-se em movimento, prolongando-se na leitura, na memória e na experiência corporal do leitor. Essa permanência incerta é justamente o que dá ao campo sua vitalidade: memórias que continuam operando, ao serem provocadas, contextualizadas, compreendidas.

O campo da memória gráfica se expande. Os dez artigos compõem um panorama plural dos estudos contemporâneos sobre o tema. Oferecem um retrato abrangente das pesquisas recentes sobre memória gráfica, revelando tendências e descobertas

ⁱEscola Superior de Propaganda e Marketing – *Campus* Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Economia Criativa, Estratégia e Inovação – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: migliari@espm.br

ⁱⁱUniversidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial, Programa de Pós-Graduação em Design – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: helenbar@esdi.uerj.br

ⁱⁱⁱUniversidade Federal do Espírito Santo, Curso de Design, Laboratório de Design História e Tecnologia – Vitória (ES), Brasil. E-mail: leticia.fonseca@ufes.br

Recebido em: 02/07/2025 – Aceito em: 02/07/2025

significativas. Se, no início, os estudos debruçaram-se sobretudo sobre os efêmeros brasileiros, agora apontam também para outras direções, inclusive além-mar.

O sumário revela a diversidade presente no conjunto de artigos. Os assuntos abordados compreendem a formação e atuação profissional no setor gráfico; na sequência trazem os efêmeros, como os cartazes e as revistas. Estão presentes também alguns tópicos menos comuns associados à cultura material, como o legado visual de uma praia e das fachadas urbanas, a tradição de uma festa popular ou mesmo de um tecido característico de uma região. E, desta forma, amplia-se o leque de possibilidades de pesquisas. Essa ampliação se dá também em relação ao território, pois o campo da memória gráfica — denominado em nosso país como Memória Gráfica Brasileira (MGB) — tem ampliado suas fronteiras com investigações correlatas também no exterior, como na África do Sul.

O artigo “A formação dos mestres de ofício da imprensa sergipana no contexto da educação profissionalizante do início do século XX” se debruça sobre a formação de tipógrafos com base no estudo de 14 edições da revista *Sergipe Artífice*, produzida na oficina de artes gráficas da Escola de Aprendizes Artífices do estado entre 1934 e 1945. O objetivo é compreender as características históricas e de produção gráfica presentes na feitura da revista, identificando os sujeitos e suas práticas por meio do exame dos documentos históricos. Este estudo também revela que a formação em tipografia era uma possibilidade para a população negra de Aracaju no contexto pós-abolição, contribuindo para o campo social.

Na sequência, o artigo “Mito de um narciso urbano: reflexões sobre Hudinilson Jr. (1957–2013) e a memória gráfica no Brasil” refere-se também à atuação profissional, porém desta vez de um artista solo e propõe uma reflexão sobre suas obras que dialogam com o deslocamento, os métodos de gravação e as práticas de reprodução de imagens, destacando os processos criativos e conceituais vinculados à concepção, idealização e produção de matrizes geradoras. Foram analisados aspectos técnicos e conceituais desses procedimentos, enfatizando como eles contribuem para a compreensão e descrição da trajetória do artista.

Os quatro artigos seguintes têm os efêmeros como temática. Em “Cartazes de lambe-lambe artesanais na memória gráfica do Rio de Janeiro: um estudo de caso sobre a produção de Fernando Baranda”, apresenta-se a produção gráfica deste letrista, cartazista e serígrafo que, desde a década de 1990, atua na referida cidade produzindo os famosos cartazes de rua de grande formato. O trabalho situa-se na intersecção entre a memória gráfica e a cultura da impressão, compreendidas, respectivamente, como campo de estudo em ascensão e conjunto de práticas e saberes. A pesquisa baseia-se em um acervo de centenas de imagens de cartazes, entre 2008 e 2012.

Dos cartazes passamos às revistas. O artigo “Narrativas da modernidade: design editorial e cultura visual na Revista Senhor (1959–1964)” apresenta uma investigação da referida revista, desta vez tanto como artefato de memória gráfica como de mediadora cultural em um Brasil marcado pelas tensões entre modernidades e patriarcado. Embora seja reconhecida por sua sofisticação gráfica e editorial,

a revista ainda requer análises que a situem no campo do *design* como fenômeno social, especialmente com relação às representações de gênero e às escolhas visuais e editoriais que refletem o contexto sociopolítico da época.

O Caso do Número 1 de “Revista Ritmo (1935): Contribuições para a Memória Gráfica e Cultura Brasileira” apresenta uma análise gráfica deste primeiro número, que até onde se sabe é o único número da revista que chegou a circular — tendo forte caráter modernista. Contudo, aqui, a preocupação está em trazer à luz as contribuições desta edição, especificamente, para o endossamento do projeto de identidade cultural da antropofagia.

O último efêmero abordado é um jornal em “O que dizem as capas: análise gráfica de exemplares do Jornal Alternativo de Fato (1976–1978)”. Objetiva-se elucidar como o *design* gráfico-editorial comunicou, por meio de elementos técnicos e estéticos em suas capas, mensagens de cunho sociopoliticamente engajado durante a ditadura civil-militar no Brasil. Dessa forma, o estudo se insere no campo da memória gráfica, que identifica os artefatos gráficos como importantes materiais na construção de uma história do *design*. A metodologia adotada consiste numa análise gráfica crítica de projetos de programação visual, considerando tanto a organização dos elementos no *layout* quanto a sua contextualização histórica.

O próximo artigo, embora também traga uma análise de efêmeros, apresenta um recorte territorial muito particular. “Memória gráfica e o legado visual da COVID-19 em Jeffreys Bay, África do Sul” apresenta uma análise de artefatos visuais efêmeros produzidos durante a pandemia de COVID-19 em uma cidade costeira na África do Sul conhecida por seu turismo de surfe e cultura visual. Entendendo os materiais impressos transitórios como marcadores culturais e históricos, esta pesquisa posiciona os artefatos visuais como ferramentas cruciais para capturar as disrupções socioeconômicas e as respostas comunitárias em tempos de crise.

A cidade de Belo Horizonte é o recorte territorial do artigo “Leteiros dos projetos de Romeo de Paoli para hotéis”. Entre os 13 projetos aprovados pela prefeitura da cidade na década de 1930 para uso hoteleiro na área central, seis são de autoria do escritório de Romeo de Paoli. Este artigo aborda um breve momento de sua trajetória, hiato entre a aprovação de três desses edifícios que mantêm íntegros seus letreiros originais: Imperial Palace (1934), Piraquara (1935) e Cláudio Manoel (1939). Frequentemente ignorados até mesmo pelos órgãos de proteção ao patrimônio, esses artefatos gráficos integram a paisagem tipográfica belo-horizontina.

Por fim temos dois artigos que evocam tradições e suas manifestações materiais e gráficas. A La Ursas, ou Ursos do Carnaval, é uma brincadeira tradicional no Nordeste, trazida por imigrantes europeus. Essa tradição faz parte do carnaval pernambucano, e é comum ver crianças e adolescentes fantasiados de ursos, especialmente em bairros periféricos, nos dias que antecedem a folia. Desfiles e concursos acontecem em várias cidades de Pernambuco, premiando a melhor fantasia do Urso de Carnaval. Diante das mudanças sociais, reconhecer e preservar essa tradição é essencial, pois ela mantém viva a identidade cultural pernambucana. O artigo “La Ursas e suas memórias: manifestação cultural e afetividade em Pernambuco”

busca identificar como as memórias afetivas das festividades das La Ursas e suas aplicações no *design* representam essa manifestação cultural em Pernambuco.

Nosso último artigo, “Um corpo para a memória: a construção das chitas na cultura visual (Rio de Janeiro, 1808–1850 c.)”, tem como ponto de partida o contexto de ampliação (das qualidades e variedades) de um produto têxtil nos mercados internacionais. O artigo problematiza os mecanismos que garantiram as “diferenciações” entre os tecidos por meio de recursos iconográficos. Como metodologia, examina-se um manual de fabricação de chitas (1804), ao lado de gravuras de Henry de Chamberlain e Joaquim Guillobel.

O presente dossiê investiga a memória gráfica e reafirma seu papel essencial na construção da identidade cultural de diferentes povos, regiões e temporalidades. A memória gráfica, longe de ser mero repositório de vestígios visuais, revela-se um campo dinâmico, em que artefatos gráficos e efêmeros atuam como lugares de memória, articulando passado e presente. Os estudos aqui reunidos destacam que a cultura material registra práticas sociais, políticas e econômicas ao longo do tempo, contribuindo para um entendimento mais profundo das narrativas visuais que moldam identidades e contextos culturais diversos.

Além disso, a análise das manifestações gráficas ressalta a relevância dos artefatos visuais como expressões culturais regionais, reforçando a pluralidade e riqueza da memória visual. Dessa forma, ao dar visibilidade a essas produções, este dossiê reafirma a memória gráfica como campo de pensamento situado na cultura visual e na materialidade impressa que contribui para a preservação e valorização do patrimônio e das relíquias de memória preservadas. Mais do que registros estáticos, os artefatos aqui analisados se apresentam como agentes de transformação, possibilitando novas interpretações e diálogos sobre a trajetória da comunicação visual.

Este dossiê se apresenta como campo em tensão entre o visível e o latente, o vestígio e o tempo, a matéria e os afetos. Cada artigo oferece ideias silenciosas que reverberam. A memória gráfica emerge como forma de atenção e cuidado. Cada autor restitui o que ela oferece: duração, presença, retorno, sentido. Ao reativá-la, o pesquisador inscreve-se nesse fluxo como parte da rede de ecos que a pesquisa provoca. O passado, ao ser escutado, dialoga conosco e se faz presente de forma criativa.

Sobre as autoras

Mirella De Menezes Migliari: doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Helena de Barros: doutora em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Letícia Pedruzzi Fonseca: doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

